

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasiliense

Class.: 1305

Data: 23.03.85

Pg.: _____



Levados por Dante de Oliveira, os kaingang foram recebidos por Couto (E)

Com Tancredo doente, tribo fica sem terra

ADRIANO LAFETA
Da Editoria Nacional

Um índio Kaingang, trazendo terno preto, sandálias havaianas e um colar amarelo com sementes vermelhas no lugar da gravata, foi o primeiro a esbarrar, no Ministério do Interior, com o problema da demora na definição dos cargos da administração direta. Terá que esperar a nomeação do novo presidente da Funai, para reiniciar, na Nova República, a luta pela retomada das terras de sua comunidade, no município de Chapecó (SC), onde "o clima é de conflito potencial", segundo bilhete do deputado Nelson Wedekin (PMDB) para o ministro Ronaldo Costa Couto.

"Temos que aguardar não a posse do dr. Tancredo Neves, mas autorização médica para que ele possa desencadear os entendimentos para as nomeações", explicou o ministro, prevendo, para tanto, "um prazo muito curto". Entretanto, aconselhou o cacique Antonio Kaxingá, sua mãe Ana, de 77 anos, e outros sete índios, a retornarem a Santa Catarina, para esperar lá a solução. Hospedados num hotel de Taguatinga, por conta da Funai, eles se manifestaram dispostos a não deixar Brasília enquanto não sair o decreto demarcando a área de 1.880 hectares que reivindicam.

A situação foi exposta ao ministro pelos deputados Dante de Oliveira e Márcio Lacerda, do PMDB de Mato Grosso do Sul, e o antropólogo do Conselho Indígena

Missionário (CIMI) Wilmar Dangelis, vítima de atentado a bala, no ano passado, por sua luta em defesa dos Kaingang.

Explicaram que os índios estão limitados a uma área de 120 hectares e que os colonos, de origem alemã e italiana, se encontram fortemente armados. Por isso, pediram, em caráter emergencial, que o ministro intercedesse junto ao Ministério da Justiça para a Polícia Federal garantir paz na região.

Costa Couto ligou na hora para o ministro Fernando Lyra, que escalou seu chefe de gabinete, Cristóvão Buarque, para atender os Kaingang em seguida. "A primeira reivindicação está atendida. Quanto às demais, seria leviano se eu seguisse meu coração e antecipasse a decisão. Mas tão logo esteja definida a nova direção da Funai, cuidarei disto", declarou o ministro ao desligar o telefone, acrescentando que respeitaria a posição dos índios se eles resolvessem permanecer em Brasília.

A tarde, depois de expor o problema para Cristóvão Buarque, o deputado Dante de Oliveira conseguiu falar também com o ministro Fernando Lyra, que passou telex para o governador Espiridião Amin, alertando que a polícia local está envolvida com os posseiros. E em contato com a Polícia Federal, pediu, com urgência, um relatório sobre a situação e medidas no sentido de se evitar um confronto.

Satisfeitos com as primeiras providências, tomadas num espaço de tem-

po de pouco mais de duas horas, os índios resolveram, no entanto, que aguardarão o início da semana na capital federal, "para ver quem vai para a Funai". Sobre a decisão de virem a Brasília, o antropólogo do CIMI explicou a Costa Couto que foi por causa da "falta de escrúpulos, safadeza ou sei lá o que da Funai, que havia dado como prazo para a solução do problema o dia cinco de janeiro último".

O processo para demarcação das terras dos Kaingang está há três anos na Funai, tendo sido submetido ao "Grupão" Intermínisterial formado pelos Ministérios do Interior e dos Assuntos Fundiários, com respectivos órgãos, após um protesto feito pelos índios no ano passado, quando acamparam em frente ao Congresso Nacional. A solução não veio e esta semana eles voltaram a Brasília, invadindo a Funai. Para tirá-los de lá, o presidente do órgão, Nelson Marabuto, assegurou hospedagem no Hotel Colorado, na cidade-satélite de Taguatinga.

De 73 famílias, sobram 23 na Comunidade Chimbanguê, restritos a 120 hectares. Os outros índios viram bóias-frias. As terras que reivindicam, segundo Wilmar Dangelis, foram reconhecidas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas não foram demarcadas. Agora querem acelerar o processo, porque os colonos começam a preparar a terra para novo plantio e temem que isto possa retardar a solução por mais um ano.